

DEVOLVER NADA AO NADA: A EXPERIÊNCIA POÉTICA DE *BRASA ENGANOSA*

Alexandre André NODARI¹

É difícil dar conta de um livro de poemas tão múltiplo (mas talvez não polifônico), como é *brasa enganosa*, de Guilherme Gontijo Flores. Oscilando – por vezes sem passagem – entre o humor ao grave, atravessado por referências díspares (de Tomás de Aquino a Belchior), repleto de experimentações as mais diversas, com especial atenção à disposição tipográfica e visual, incluindo alguns “Daguerreótipos de cão” (especialmente emocionantes para aqueles que perderam recentemente um companheiro canino de tantos anos, fato que redobra – torciona para intensificar – a experiência de ausência presente (saudade) que Gontijo capta na fotografia: “a foto não encontra o que no cão / ainda permanece cão encontra / outra forma que sobre o pelo adere / sem encontrar a pele o cheiro o corpo / que forma o cão que ali não mais se encontra”), e tendo quase em seu centro um *labirinto* em que a leitura se perde, para poder refazer seu caminho, ou multiplicar seus caminhos, labirinto que parece replicar o índice e as páginas de abertura de seções, que servem tanto como um roteiro quanto para referenciar o abismo da perda – e tudo pontilhado pelo sexo, como não poderia deixar de ser em um discurso mais próximo ao mito que ao *logos* –, o livro ainda é parte de uma tetralogia *in progress* (que inclui o poema-

¹ Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – CEP 88062-253 - Florianópolis – SC – Brasil – alexandre.nodari@gmail.com

site *Tróia*des: <http://www.troiades.com.br/>), cujo título – *Todos os nomes que talvez tivéssemos* – por si só renderia uma resenha.

Todavia, a meu ver, há algo que, se não une, atravessa a maioria dos poemas, uma tessitura por vezes mais explícita, por vezes mais implícita: aquilo que Paulo Rónai (em referência a construções de Guimarães Rosa, tais como “impoeder, acronologia, antipesquisas, indestruir, inimagnar”) chamou de “antinomia metafísica”: “abstrações opostas a fenômenos percebíveis pelos sentidos”, que, contudo, aludem “a uma nova modalidade de ser ou de agir, *a manifestações positivas do que não é*”. Desde a prece “Aos deuses dos mortos”, que abre *brasa enganosa*, parece que estamos nesse cenário contra-ontológico, ou de ontologia invertida: um espaço que, como lemos no poema, não é *nem* isso *nem* aquilo, “mas em toda parte / jaz”. Nele, aprendemos que “o desamar sim / se desaprende” (em uma dupla negação ao título do poema: “Não se aprende a amar” – e uma tripla a Drummond?); e talvez a tarefa da poesia – ao menos segundo Gontijo – consista nesse aprendizado, ou seja, o de tirar consistência do real para acessar uma dimensão negativa: “em miríades do desvario / as santas desessências canto / triunidade interior / imparte intoda”. Por todo o livro, nos defrontamos com construções desse tipo: “desmapa”, “pintura invista”, “sombra de quadro impintado”; um dos poemas se chama rosianamente “Inconto”. E dentre elas, a que mais aparece, em variadas formas (geralmente como verbo), é a “despétala”. Mas o que exatamente seria uma despétala, ainda mais se Gontijo define a própria “flor” de que ela (des)parte (de que ela é negação) como uma “coisa sem nome / que sequer perdura”? A resposta talvez seja que a antinomia metafísica, o descascamento contínuo do ser que a poesia de Gontijo apresenta, acabe chegando não ao puro nada, mas, ao contrário, a uma zona de não-coincidência do ser consigo mesmo, em que ele difere de si, já é outro: a postura de “ser contra mim”, postura “que germina de mim” também “rabisca / no rabo do olho / o invisível in / efável in / ventável / muito além de mim”. As dessências cantadas pelo antipoeta levam, assim, a um “outrosser /

outraver de mim”. No núcleo da negação, o desfazimento, o nada (ou “quase” – para usar um termo importante do livro – nada) aparece como um processo de diferimento, que remete a outra linguagem e a outro tempo:

(nada se encontra
nada resta
para além de uma palavra feito
 undo
noutra língua
noutrora que não esta)

Por isso, podemos dizer da *brasa enganosa*, que “do sem sentido é que ela incita / uma poética / a partir do nada”. E, nesse sentido, a tessitura de nada que vai envolvendo os poemas do livro revela estar o tempo todo formando um “casulo”, outra figura constante no livro (junto a análogas como a “manta”, a “segunda pele”, ou a “hera enlaçando (...) quase parasita”, a “larva da seda envolta no próprio laço”, etc.), indicando o momento intersticial de transformação, morte e vida, pois: a morte aparece como a “mais-matéria desta vida / que rouba ou dá significado” a este “desmundo descoberto em desmedida”. É ela que permite ao ser “Parir-se”, ou seja, fazer a experiência da alteridade, da transformação, ser diferente de si: “sou mesmo o asfalto do passeio onde passo & que também me atravessa”.

E aqui a dimensão política do livro diante de nossa “Paisagem digesta”, em que “é tudo / imensamente / luz / 24h”, em que a negatividade se perdeu por completo: “onde encontrar o traço / sem o negro necessário / da penumbra? onde / a matéria negra a noite / primordial – filha do / caos mãe do / s i l ê n c i o?” A poesia de Gontijo se apresenta, desse modo, como uma tentativa de devolver noite à noite, devolver escuridão a um mundo totalmente iluminado, que, justamente por isso, parece incapaz de produzir qualquer sentido; advoga assim pela re-invenção do “mistério”, por “mitos que iluminem / tanto céu”, que ajudem a entender

a “reviravolta na máquina / do mundo”, por um “mote // que transmute / o meu silêncio / in / significante / ou segurança de saber / sobre as futuras / catástrofes climáticas prefixas / pelo fim / do calendário”. O silêncio, a negatividade, desse modo, transforma-se imediatamente (renasce) em um grito de revolta diante de um cenário em que não há “nenhum grito na noite”:

um desejo imperfeito um saber
cansado
de que um grito
um grito apenas
ainda possa demolir
o silêncio da noite

Em sua clássica formulação, Aristóteles afirmou que o poeta e o filósofo, o amante de mitos e o amante do saber, partem ambos do espanto, embora sigam caminhos distintos. Hoje, o caminho do conhecimento, do saber, parece não ter fim, não acabar, como se fosse um rio que tivesse na “foz / seu único destino”. Que o progresso não termine nunca, mesmo ao custo do mundo – e que ninguém se espante com isso: talvez toda poesia comece aí, no espanto diante da ausência da finitude. Pois esta ausência sinaliza também a impossibilidade de transformação. A poesia é sempre experiência da morte, é um atravessamento (pel)a morte – mas isso significa também que ela é um tecido, um casulo, da vida, o texto que transforma a vida, transfigura o mundo, muda suas figuras (“Do caleidoscópio / a vista ideal / mundo transfigurado / em dança / de cor em cor-desejo / no delírio do olho”), pela construção de uma Babel invertida, que não visa chegar ao céu, mas “exilar-se do céu” para viver *neste mundo finito*, um “exílio de ponta / cabeça”, em que “nasce outro mapa / no céu por abismo / - - - / a pátria dos sonhos”:

Por uma história da alegria
feito escada elevada
além do chão tão alta
até que alguém pensasse

que todo o feito estava
apenas em chegar ao pé
dessa escada suspensa no ar
como se fôssemos somente
o sonho intranquilo
daquela borboleta

